



**SOBRE AS POLÍTICAS DA ANGÚSTIA**

***On the policies of anguish***

Alef de Oliveira Lima

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGAS/UFRGS. Bolsista CNPq, Brasil.

Email: [aleflimaufrgs@gmail.com](mailto:aleflimaufrgs@gmail.com)

**Áltera**, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p.119-125, outubro 2020

ISSN 2447-9837

**RESUMO:**

O presente ensaio tem uma proposta teórica voltada para as políticas da angústia, uma maneira encontrada pelo autor para designar uma série de questionamentos e urgências sociais vivenciados pelas Pessoas Trans, no decorrer da pandemia de covid-19. Portanto, esse texto examina algumas emoções e depoimentos com o intuito de apreender as experiências politicamente angustiantes que atravessam o período de isolamento social. De modo geral, essas sentimentalidades são lidas com atributos sociais e somáticos que refratam uma determinada situação sociopolítica do Brasil contemporâneo. Metodologicamente retiro os depoimentos das minhas vivências enquanto professor de sociologia, e por um acaso, etnógrafo em um Coletivo de Educação Popular voltado para Pessoas Trans em Porto Alegre/RS. Assim, proponho como reflexão as dimensões da ansiedade e da temporalidade na forma de marcadores das experiências dos discentes Trans que acompanho.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Angústia. Temporalidade. Conjuntura. Etnografia.

**ABSTRACT:**

This essay has a theoretical proposal focused on the politics of anguish, a way found by the author to designate a series of questions and social urgencies experienced by Trans People, during the covid-19 Pandemic. Therefore, this text examines some emotions and statements in order to understand the politically distressing experiences that go through the period of social isolation. In general, these sentimentalities are read with social and somatic attributes that refract a determined socio-political situation in contemporary Brazil. Methodologically I withdraw the testimonies of my experiences as a professor of sociology, and by chance, ethnographer in a Collective of Popular Education aimed at Trans People in Porto Alegre / RS. Thus, I propose as a reflection the dimensions of anxiety and temporality in the form of markers of the experiences of Trans students that I follow.

**KEYWORDS:**

Anguish. Temporality. Conjuncture. Ethnography.



## INTRODUÇÃO

Gostaria de começar este ensaio confessando seu caráter fragmentário. Não por um desejo de que o texto em si fosse assim, mas pelo efeito das minhas próprias experiências que fornecem a matéria da qual retiro as considerações que quero compartilhar. Eu sou doutorando em Antropologia Social (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e venho atuando no campo da Antropologia da Educação e da Aprendizagem, tendo como foco empírico as iniciativas políticas e pedagógicas de coletivos de Pessoas Trans<sup>1</sup> que se insurgiram pelo Brasil a partir de 2015. Esses coletivos visam auxiliar o ingresso da população Trans no ensino superior e também na conclusão das etapas finais da educação básica. Seu escopo e sua organização se filiam a uma Educação Popular baseada na ação de voluntários que organizam cursinhos populares vinculados a alguns projetos de extensão de instituições superiores. Dois deles acompanho mais de perto (não tanto agora): o TransEnem/POA (no caso desse coletivo, particularmente, além de pesquisador eu atuo como voluntário na condição de professor de sociologia) e o TransPassando/FOR.

Não é preciso muito para dizer que a quarentena e o isolamento frustraram seriamente as iniciativas e sua atuação em diversos aspectos: logísticos, pedagógicos, organizacionais. Várias medidas foram tomadas; começamos com tutoriais individuais, vídeo-aulas, atividades no *Google Classroom*, exercícios de leitura. Mas a adesão era silenciosa, tímida, quase inexistente. Em 20 de abril de 2020 ministrei uma aula bem específica para alguns estudantes tentando perspectivar sociologicamente o que estávamos vivendo: abordar a quarentena como um fenômeno social. Bem, obtive um conjunto de respostas esmagadoramente angustiadas (ou na terminologia contemporânea, ansiosas). Do que se tratavam o que descreviam as emoções dessas/as estudantes é matéria prima do texto que se segue.

---

<sup>1</sup> Pessoas Trans no maiúsculo tem uma conotação política, compreensível para marcar tanto sua existência enquanto sujeitos de direito, quanto sua singularidade e seu direito a diferença. O termo no geral é utilizado na forma de um guarda-chuva para fazer menção a indivíduos cujas as identidades de gênero estão ou são questionadas de variados modos: ético, político, corporal e simbólico.



## A ANGÚSTIA NA DESIGUALDADE

[...]vocábulo angústia significa primeiramente estreiteza, limite, redução, restrição, significantes que expressam com clareza as sensações que acometem um sujeito angustiado: aperto, sufocação, vertigem. Por esse motivo, não é raro encontrarmos nos relatos de sujeitos angustiadados uma referência à necessidade imperiosa de sair à rua, andar do lado de fora da casa, tomar ar fresco, caminhar a ermo, eventualmente correr. (POLLO; CHIABI, 2013, p. 138)

O recorte da realidade das Pessoas Trans no Brasil é tomado por violências sutis ou explícitas, que variam de um olhar de rejeição ao espancamento ou assassinato frio. De certa maneira, o isolamento social como prática preventiva e de sobrevivência já vem sendo tacitamente posto em prática por essa população. O que se agrava na quarentena é a potencialização de uma angústia tomada frente à desigualdade de condições – não apenas materiais (resistir os três meses com o auxílio emergencial), mas subjetivas mesmo. É preciso, nesse sentido, situar a experiência da pandemia em uma conjuntura sociopolítica hostil à existência das Pessoas Trans. Se exercita no contexto da crise sanitária uma espécie de pânico ideologicamente orientado, entranhado na administração governamental bolsonarista, que afeta profundamente as pessoas transgêneros. Não por serem privilegiadas pelo discurso “anti-gênero”, e sim, por se constituírem como grupo cuja vulnerabilidade passa pelo apagamento.

Na referida aula, perguntei aos estudantes como se sentiam e quais emoções o isolamento estava gerando. A maioria dos comentários à minha pergunta foi desvelando uma condição subjetiva (ou um modo de subjetivação) em que a angústia se caracterizava na forma de uma resistência implicitamente tomada em vários direcionamentos. Alguns diziam sentir raiva – raiva de si mesmos, raiva do momento, raiva pela falta de dinheiro; outros explicitavam essa mesma fúria por uma “sensação de inutilidade” frente às dificuldades financeiras pelas quais a família atravessava ou mesmo a ausência de uma família para atravessar a crise. Todas as respostas citavam a ansiedade como algo inerente à pandemia – todos/as estavam ansiosos, angustiadados.

Tal retrato emocional me fez pensar sobre a micropolítica das emoções, conceito derivado da abordagem foucaultiana pelas antropólogas Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (1990). Para as autoras, falar de um discurso emocional é pensar por



quais modos as emoções agenciam dimensões políticas em níveis de subjetivação, velados, quase imperceptíveis, do contexto macrossocial. A questão, segundo elas, é pensar: o que as emoções fazem agir, o que despertam nos sujeitos enquanto uma experiência social vivida no recorte subjetivo singular? O retrato dos depoimentos que os/as discentes fizeram ao exercício demonstrava esse compartilhamento e suas torções individuais – critérios de classe, raça, identidade de gênero e mesmo idade estavam subentendidos nas respostas. O que chamo de *políticas da angústia* é justamente a pressão social/simbólica somatizada nesses sujeitos em um contexto de luto e dor, que faz com que suas existências sejam duplamente refletidas: refletidas enquanto um critério de vida precária (ver: BUTLER, 2004) em meio à crise e também no limite de sua saúde mental. Assim, essas políticas não refratam apenas um Eu íntimo afetado pela saúde, mas um indivíduo enlutado na luta de uma conjuntura política.

## TEMPORALIDADES

O enquadramento temporal desse momento também não poderia ser deixado de lado. Nos comentários da pergunta, um aspecto de “ansiedade” ficava latente. A questão colocada pelos/pelas estudantes girava numa espécie de excesso de tempo: demora, esperança, espera eram termos recorrentes, como se a pandemia retardasse suas percepções temporais. Havia, nesse sentido da experiência com o tempo uma dimensão em que a angústia supracitada também era aludida como em uma vivência do tempo mediada pela crise – pelos efeitos da mesma em traços variados ou com graus de profundidade diferenciados. A antropóloga Maria José A. de Abreu, no texto *Technological indeterminacy: Medium, threat, temporality* (2013), produz com grande acuidade uma leitura antropológica das mediações tecnológicas que se somam a uma nova sensibilidade cultural em que a agência humana e as causações históricas e naturais são ultrapassadas por uma saturação de relações tecnologicamente “determinadas”.

A despeito da leitura de Abreu sobre um “determinismo tecnológico”, é possível identificar ganchos com o atual momento por dois critérios: 1) o texto aponta a re-



lação singular entre tempo e tecnologia, que se avoluma de modo veloz; 2) essa sensibilidade é acompanhada de um critério de risco societário e ambiental. Do mesmo ângulo enxergo que os depoimentos dos/das estudantes sintetizam uma preocupação semelhante, mas sem o rebuscamento teórico da antropóloga. Trata-se de perceber um tempo afetado pela crise e vivenciado ansiosamente já mediado por uma infraestrutura tecnológica que nem sempre atende as expectativas. Muitos estudantes relataram as dificuldades de construir uma rotina de aprendizagem suficientemente estruturada para se dedicar aos estudos. Diante dessa informação é necessário reafirmar que os impactos tecnológicos ou uso das redes sociais, dos smartphones ou notebooks não se realize sem as mínimas condições somático-emocionais em que o aproveitamento seja possível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentei de forma breve compartilhar alguns pontos da experiência de uma aula de sociologia em tempos de pandemia junto com Pessoas Trans, que acabam vivenciando de forma desigual uma realidade de crise temporal e emocionalmente angustiante. A perspectiva que esbocei de certo não faz jus à complexidade pela qual estamos passando enquanto sujeitos, cidadãos e pesquisadores/as. Entretanto é preciso apontar que esses enquadramentos de aspectos podem guiar discussões muito mais amplas. Provavelmente será necessário esfriar a cabeça, deixar a ansiedade sob controle, examinar as condições sociopolíticas que geram as interfaces do isolamento social no Brasil para se ter uma análise mais precisa do que sentimos e porque sentimos.

De todo o modo, deixar em evidência que a quarentena vem acompanhada do recrudescimento das desigualdades, da precarização de mais vidas (já precárias por outros critérios) se mostra necessário. É sobre não permitir que algo passe despercebido – o mundo pós-pandêmico vai se mostrar enquanto uma rede somatória de diferentes temporalidades e angústias, porque, factualmente, haverá uma decalagem de percepções sobre o que foi a Quarentena de 2020 como fenômeno histórico, mas, acima de tudo pelo fato de que o isolamento nunca foi uma experiência simétrica.



## REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine (Ed.). **Language and the politics of emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, 238p. (Series: Studies in emotion of social interaction – Cambridge University Press)

ABREU, Maria José A. Technological indeterminacy: Medium, threat, temporality. Amsterdam, **Anthropological Theory**, v. 13, n. 3, p. 267-284, sept. 2013. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1463499613492093>>. Acesso em 13 de mai. 2019.

BUTLER, Judith. **Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence**. London: Verso, 2004.

POLLO, Vera; CHIABI, Sandra. A angústia: conceito e fenômenos. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 4, n.1, p. 136-154, jun. 2013. Disponível em:<<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/issue/view/121>>. Acesso em 19 de jan. 2019.

Recebido em: 01/06/2020

Aceito para publicação em: 28/08/2020

